



Laudato Si' É hora de ação!

José Maia

Que mundo queremos deixar em herança? Era a pergunta que ecoava durante a Conferência internacional "**Salvar a nossa casa comum e o futuro da vida na terra**", realizada no Vaticano, de 5 a 6 de julho passado, por ocasião do 3º aniversário da *Laudato Si*.

Vivemos num mundo ferido, desequilíbrios na biodiversidade, água, ar e solo transformados em imundície e o coração humano dilacerado, insatisfeito.

É hora da ação!

Foi o refrão ouvido durante as múltiplas e variadas intervenções desde líderes religiosos a cientistas, de políticos a representantes da sociedade civil, jovens e gente madura, um mar de gente interessada e preocupada.

Uma conferência respeitadora do ambiente onde a eletricidade resultava de painéis fotovoltaicos, muito pouco papel distribuído, os plásticos banidos e os sacos distribuídos foram feitos por mulheres de uma prisão com material reciclado.

O planeta azul toldou-se e a incerteza passou a ser o apelido de todas as espécies vivas.

Na sessão de abertura, o cardeal secretário de Estado Pietro Parolin salientou o tema da ecologia integral e da interdependência, que estão no centro do documento papal, acrescentando que "o grito da terra está intimamente ligado ao grito dos pobres". A *Laudato si* sublinha quanto "a situação do nosso planeta hoje é precária". O perigo é, de fato, o "colapso" de nossa casa comum, que garante a nossa e todas as outras formas de vida.

Foi forte na urgência em "mudar a direção do progresso, a maneira de administrar a nossa economia e o nosso modo de vida".

Por seu lado, ainda na sessão de abertura, o cardeal Peter Turkson elencou algumas motivações que levaram o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral a organizar esta Conferência advertindo que "a nossa casa comum planetária está a ficar em ruínas" e o tempo para agir "está a expirar".

Desafiou a que se crie uma "rede mundial de pessoas" que assumam com paixão o compromisso de proteger o meio ambiente.

Seguindo a metodologia de ver – julgar – agir, *ajornou-se* no século XXI o apelo de Cristo a Francisco "vai reparar a minha casa!", como já havia dito em Assis na igreja de S. Damião.

Um apelo fez arrebatar as orelhas: quanto é importante estes assuntos estarem presentes nas redes sociais.

O primeiro momento foi assinalado pela frescura da Oração de abertura feita com uma canção mimada por crianças da comunidade de Nomadélfia, seguida de experiências de 4 dessas crianças sobre a *Laudato si*, mostrando que o caminho envolve *cabeça – coração – mãos*.

Os jovens tiveram a primazia da palavra desfilando sensibilidades da África à América Latina, da Ásia à Europa, passando pela Oceânia, onde se perceberam as genuínas cores fortes e frescas de um apelo a uma *conversão ecológica* que toca também o interior de cada um.

A resposta à desmotivação dos jovens passa por uma transformação do estilo de vida, criando desafios motivadores.

Em que ponto estamos?

A ciência apresentou números, gráficos, tirou conclusões. E porque sabemos, temos responsabilidades.

E no universo do mundo académico, fora de qualquer credo religioso, começa-se a perceber os aspetos científicos convincentes que a *Laudato Si* contém.

Um novo indicador emerge dos dados apresentados: a concentração de pobres. Eles estão nos lugares mais poluídos.

Percebe-se que as mudanças climáticas contribuem para a pobreza, migrações de origem ambiental, um novo nomadismo...

Voltamos às deslocações de povos inteiros?

Percebemos? Sim, mas assobiamos para o lado...

Olhar para a casa comum implica também abarcar a cultura, a arte, a poesia, quer venha dos centros cosmopolitas ocidentais ou da Samoa, dos povos indígenas das Américas ou das metrópoles asiáticas, todos podem dizer “Esta é a minha casa!”.

E com os sons mais diversos, com os trajes mais impensáveis, ouviu-se um coro: “Chegou a hora!”

É preciso sabermos ler as mudanças climáticas intensificadas pelas interferências antropogénicas forçadas, último apelo do planeta.

A minha casa é a tua casa!

E o que é feito do acordo de Paris?

Percebe-se que implementar medidas concretas é o calcanhar de Aquiles das boas intenções, mas o limite do aumento da temperatura média global em 2^o C não é suficiente e deve ser apontado o valor de 1,5^o C. No entanto, a generosidade das palavras tropeça em interesses camuflados, uma teia de mentiras e manipulações de poderosas *fake news*!

Mas já temos no horizonte a COP 24 sobre alterações climáticas que se vai realizar de 3-14 de dezembro de 2018, em Katowice – Polónia, em que a Santa Sé está altamente empenhada.

Para vários especialistas sobre clima e ambiente é óbvio que não podemos ser ingénuos pois entra pelos olhos dentro uma guerra declarada contra os pobres e contra a Terra e por isso não podemos ser superficiais.

O mundo da ciência está apreensivo não só sobre os efeitos nocivos destes desequilíbrios sobre os organismos vivos, mas sobre os danos imprevisíveis no neuro-desenvolvimento.

A um certo ponto coloca-se a questão da verdadeira vontade de mudança.

A sua insuficiência ou resignação desaguará numa catástrofe pois continuamos a predação voraz de tudo o que nos rodeia.

É preciso líderes com peso moral capazes de investir na mudança. É um investimento que só se realiza acreditando no futuro.

A possível saída deste beco implica apostar mais numa via comunitária com as novas gerações, especialistas, artistas, religiosos... ações globais para trabalharmos juntos.

Quando se trabalha juntos cria-se um sentido de pertença, de comunidade.

O presente é o momento de oportunidades em que latejam também impactos sociais.

Em termos religiosos emergem redes ecuménicas na América Latina contra a extração de recursos e a poluição, partindo do controlo popular para reconstruir relações connosco mesmos, com os outros e com Deus.

Como diferenciar crescimento económico de desenvolvimento integral?

Pois é... *Laudato Si* chega mais facilmente ao povo que ao mercado porque este não tem rosto. O Papa fala de cuidar, respeitar e cultivar, por isso há um trabalho de transformação a começar por nós para uma nova cultura, uma nova relação secundarizando as relações com o consumo e o mercado.

Ao reabilitarmos o respeito pela criação cuidaremos da água com cortesia e até o sacramento do batismo adquire outro valor. E a alimentação retoma a sua sacralidade.

Desfrutamos ao desbarato os recursos, espantamo-nos com as secas, as inundações, experimentamos o *sol no nabal e a chuva na eira*. Começamos a perceber o sofrimento de Deus diante da sua criação!!!

A natureza anuncia a boa nova porque é comunhão.

Diante de tanto pavoneio humano a professora Celia Deane-Drummond, investigadora sénior da Campion Hall da Oxford University, questionou: “Qual é o objetivo da existência humana?”. Vai-se percebendo como a *Laudato Si* aparece como um mapa, uma bússola em que a natureza tem a sabedoria de dar razão à ordem moral.

Lendo a natureza percebe-se que as criaturas prosperam juntas e percebe-se a consciência de interdependência e interligação, com atenção ao espaço e ao tempo.

Esta consciência é fundamental para a memória, simultaneamente individual e comunitária, é a sabedoria capaz de renovar a face da terra.

Porém, cada vez mais se torna presente a tecnologia e os desafios da inteligência artificial.

Colocamos a tecnologia ao nosso lado, feita à nossa imagem e semelhança, dando-lhe estatuto de parentalidade conosco. Encantamo-nos com a oferta da comunicação, esquecendo a comunhão.

Na comunicação há dados, mas a comunhão é uma partilha do nosso ser.

Existe uma ameaça à comunhão. Transfere-se muita informação e cria-se a ilusão da comunhão.

A comunhão implica o envolvimento da natureza e oferecemos a nossa natureza.

Hoje tratamos a não vida como se fosse vida!

A memória é um dom da criação e pode-nos proteger dos experimentalismos.

Pierre Larrourou, francês, porta-voz do Pacte Finance Climat, sustentou a premência de um “plano Marshall” para a nossa casa comum para uma economia sustentável pois a luz vermelha está a piscar, estamos diante do precipício e não o vemos!

Vivemos um jogo de contradições: um planeta lindíssimo *borrado* por todos os lados; exploramos as florestas tropicais e militamos a disseminação dos transgênicos; apontamos o dedo aos pobres e não valoramos o princípio da fraternidade em veste ambiental; apostamos numa economia caracterizada pela apatia, arrogância, avareza e agressão ambientais em vez de a vestir de ética.

Durante a conferência o Papa Francisco recebeu em audiência todos os participantes.

Apelou a «*escutarem com o coração*» os gritos sempre mais angustiantes da terra e dos seus pobres em busca de ajuda e de responsabilidade, na grande urgência de uma *mudança*, uma *conversão ecológica*» acrescentando que «há o perigo real de deixarmos às gerações futuras escombros, desertos e lixo».

Falou da Cimeira COP24 sobre o clima que «pode ser um marco no caminho traçado pelo Acordo de Paris de 2015» dando um recado político ao afirmar que «todos os governos deveriam esforçar-se por honrar os empenhos assumidos em Paris para evitar as piores consequências da crise climática», e às finanças pois «é necessária uma mudança do paradigma financeiro de modo a promover o desenvolvimento humano integral» porque a nossa sobrevivência – acrescentou ainda o Papa – depende das ações que «pressupõem uma transformação a um nível mais profundo, isto é uma mudança dos corações, uma mudança das consciências».

Não podemos ficar em operações cosméticas – acrescento eu.

Citando a *Laudato Si*, o Papa concluiu acendendo uma luz de esperança porque «no coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa Terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos».

Mesmo se aparentava um ar cansado, não deixou de saudar cada uma das cerca de 400 pessoas presente na Sala Clementina com um generoso sorriso. Soubemo-lo depois que, para ele, as pessoas são como *sacramentais*.